



COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA

SUJEITOS DE SUAS HISTÓRIAS" E A EXTENSÃO NA PANDEMIA COM JOVENS DE PARACATU DE BAIXO, EM MARIANA

Karina Gomes Barbosa¹; karina.barbosa@gmail.com
André Luís Carvalho²; andrecarvalho1404@gmail.com
Lavínia Dias Torres³; laviniadtorges@gmail.com
Victória Silva Oliveira⁴; victoriaoliveiraes@gmail.com

RESUMO

Este artigo apresenta reflexões sobre a prática extensionista dos projetos de extensão *Identities, affets, cotidiano e memória em Mariana* e *Memórias do Trauma*, vinculados ao programa de extensão *Sujeitos de suas histórias*, da Universidade Federal de Ouro Preto (Ufop), que atuam com comunidades atingidas pelo rompimento da Barragem do Fundão, em 2015, em Mariana. Os projetos se fundam em discussões sobre identidade, pertencimento e memória de crianças e adolescentes (WOODWARD, 2000; CERTEAU, 1988). A ênfase é nos desafios, transformações e experiências vivenciadas na atuação junto às comunidades, especialmente crianças e adolescentes, durante a pandemia do novo coronavírus, em que os projetos passaram a realizar suas ações e oficinas de forma online.

PALAVRAS-CHAVE

Extensão. Identidade. Memória. Barragem de Fundão. Pandemia de covid-19.

1 Doutora em Comunicação pela Universidade de Brasília (UnB). Professora do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto (Ufop). E-mail: karina.barbosa@gmail.com.

2 Doutorando em Teoria e Crítica Literária pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professor do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto (Ufop). E-mail: andrecarvalho1404@gmail.com.

3 Estudante de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto (Ufop). Bolsista de extensão. E-mail: laviniadtorges@gmail.com.

4 Estudante de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto (Ufop). Bolsista de extensão. E-mail: victoriaoliveiraes@gmail.com.



1. INTRODUÇÃO

Identities, affets, cotidiano e memória em Mariana e Memórias do Trauma são projetos de extensão que integram o programa *Sujeitos de suas histórias*⁵, vinculado ao curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto (Ufop), campus Mariana (MG). Ambos atuam de forma colaborativa em escolas de comunidades atingidas pelo rompimento da barragem do Fundão, da Samarco/Vale/BHP Billiton, ocorrido em 5 de novembro de 2015. O primeiro, criado em 2015, tem como principal objetivo promover ações para tornar os atingidos protagonistas de narrativas, sejam elas do patrimônio, do presente, ou do futuro, possibilitando a construção identitária de cada um e da comunidade, por meio de vozes e de afetos. Já o segundo, existente desde 2016, busca resgatar memórias de sujeitos das comunidades atingidas, ao mesmo tempo em que incentiva o trabalho de construção com novas memórias acerca das perspectivas de futuro, cada vez mais incertas diante de atrasos, paralisações e suspensões das obras de reassentamento dos subdistritos marianenses de Bento Rodrigues e Paracatu de Baixo, destruídos pelos rejeitos minerários. Os dois projetos atualmente realizam atividades na Escola Municipal de Paracatu de Baixo (EMPB) – desde 2020 de forma remota. Entre 2016 e 2019, os projetos atuaram também na Escola Municipal de Bento Rodrigues (EMPB).

De mãos dadas, os projetos realizam encontros semanais em que realizamos dinâmicas e ministramos oficinas de técnicas e fundamentos do jornalismo e da comunicação com turmas de jovens estudantes da segunda etapa do Ensino Fundamental, do 6o ao 9o ano, a fim de oferecer um arcabouço

5 O programa de extensão foi institucionalizado pela universidade, considerado de interesse estratégico pela Ufop. Está em atividades desde 2015, e atualmente conta com cinco ações vinculadas. As informações podem ser encontradas no site do programa, www.sujeitosdesuashistorias.org, e na página do Facebook: <https://www.facebook.com/sujeitosdesuashistorias>.



conceitual, ético, estético e técnico para que esses meninos e meninas sejam capazes de narrar verbo-visualmente fragmentos de suas realidades. Ou seja, a ideia é que por meio de aportes do universo jornalístico, como técnicas de redação, de fotografia, de audiovisual, além de discussões sobre os fundamentos da práxis jornalística, as crianças e jovens possam narrar e fazer circular socialmente suas próprias perspectivas. Essa narração integra os processos de construção de suas identidades, que esbarram na memória de terem suas comunidades destruídas com o rompimento de uma barragem de rejeitos há poucos anos e, com isso, terem passado por uma ruptura brusca de diversos hábitos, de seus modos de vida e de suas comunidades.

Neste artigo, apresentamos as comunidades com as quais dialogamos, descrevemos nossos percursos extensionistas desde 2015 e, sobretudo, após a decretação da pandemia de covid-19, no início de 2020. A Ufop interrompeu suas atividades presenciais em 17 de março de 2020, realizando períodos letivos especiais remotos e, posteriormente, retomando os semestres regulares de modo também remoto. Desde março, o programa de extensão não suspendeu as atividades, adaptando-as ao ambiente digital e às possibilidades de cada projeto, bem como às dificuldades das bolsistas, em sua maioria estudantes de Jornalismo. Vivenciamos desde casos de covid com perda de familiares a problemas de acesso à internet. A partir desse contexto, discutimos como a pandemia afetou nossa prática extensionista nos dois projetos em foco, que tem se mantido por meio de atividades remotas junto a crianças e adolescentes, mesmo diante de uma série de desafios e problemas estruturais.

2. QUEM SÃO OS MENINOS E MENINAS?





As oficinas realizadas semanalmente por extensionistas dos projetos recebem alunos da EMPB e da EMBR. Bento e Paracatu foram apenas algumas das comunidades atingidas pela barragem que se rompeu em Mariana (MG). Camargos, em Mariana, Barra Longa e a comunidade de Gesteira também foram atingidas rapidamente, de forma catastrófica. Cerca de 40 metros cúbicos de rejeitos de mineração alcançaram o Rio Doce e, depois, o Espírito Santo, seguindo para o mar. A onda atingiu ao todo 39 municípios e causou danos socioambientais que geraram o indiciamento da empresa em nove crimes diferentes, mas que, segundo a ONU, ainda assim “não correspondem à dimensão do desastre” (MENDONÇA, 2016). Além dos impactos no bioma do Rio Doce e em toda a cadeia alimentar subsequente, o crime da máquina minerária (WISNIK, 2018) causou a morte de 19 pessoas, levou comunidades em toda sua extensão a deslocamentos forçados e atingiu e desabrigou, diretamente, as famílias dos alunos das escolas em que os projetos atuam.

A destruição que houve em Bento Rodrigues e em Paracatu de Baixo não foi apenas daquelas comunidades como lugares, apenas em sua forma física, mas também do espaço. Neste caso, o espaço é um lugar praticado, como elucidada Michel de Certeau (1988, p. 201-202): “O lugar é portanto uma configuração instantânea de posições[...]. Existe espaço sempre que se tomam em conta vetores direção, quantidades de velocidade e a variável tempo[...]. O espaço estaria para o lugar como a palavra quando falada”.

Certamente, naquele 5 de novembro, quando as pessoas que viviam naquelas comunidades conseguiram escapar do enorme volume de rejeitos que chegava sem aviso, sem a sirene de emergência que deveria existir, elas deixaram pra trás não somente suas casas, com seus móveis, roupas e eletrodomésticos, mas também sua comunidade, seus hábitos e referências, ou seja, de certa forma, parte de suas identidades. Ficaram para trás também as



memórias, tanto em suportes físicos como fotografias, troféus, cadernos, quanto as lembranças e afetos dos cheiros do quintal, do som dos animais, das conversas no meio-fio.

É importante também nos atentar ao fato de que tanto Paracatu de Baixo quanto Bento Rodrigues eram subdistritos. Bento tinha população aproximada de 600 pessoas, que habitavam cerca de 200 casas, enquanto Paracatu tinha cerca de 300 habitantes (CAMARGO, 2018). As comunidades possuíam apenas uma escola cada e uma ou duas igrejinhas, ou seja, eram configurações simples, se assemelhando por exemplo, com a ideia de bairro.

Segundo Michel de Certeau (2008), esse é um ambiente que está ligado às práticas culturais e ao reconhecimento do indivíduo:

Ora o bairro é, quase que por definição, um domínio do ambiente social, pois ele constitui para o usuário uma parcela conhecida do espaço urbano na qual, positiva ou negativamente, ele se sente reconhecido [...].A fixidez do habitat dos usuários, o costume recíproco do fato da vizinhança, os processos de reconhecimento - de identificação- que se estabelecem graças a proximidade, graças a coexistência concreta em um mesmo território urbano, todos esses elementos práticos se nos oferecem como imensos campos de exploração em vistas de compreender um pouco melhor esta grande desconhecida que é a vida cotidiana. (p. 40)

Além disso, para Certeau (2008) o bairro representa também, um espaço de prática cultural, que é basicamente a união de elementos passados por uma tradição e realizados no cotidiano que se traduzem no que o autor chama de visibilidade social. As práticas culturais vão das práticas religiosas, como festas típicas, tal qual a do Menino Jesus comemorada há várias gerações em Paracatu de Baixo, até preferências alimentares e práticas culinárias, além da gestão de recursos naturais, como a fabricação de geleia de pimenta biquinho em Bento Rodrigues por uma cooperativa de mulheres. Assim, quando se perde os meios para a continuação dessas práticas, a cultura também é ameaçada, mesmo que aquele grupo social continue a existir.



O historiador esclarece também sobre a importância do bairro para reconhecimento do outro como ser social. Segundo Certeau (2008, p. 43), “sair de casa, andar pelas ruas, é efetuar de tudo um ato cultural não arbitrário: inscreve o habitante em uma rede de sinais sociais que lhes são pré-existentes”.

Como dito, não somente suas casas foram destruídas, mas também as referências identitárias de comunidade. O processo de formação identitária desses grupos foi então, subitamente modificado, de forma traumática. Segundo Kathryn Woodward (2000) o entendimento de identidade pode ser dividido em diferentes dimensões conceituais, relacionados a alguns aspectos distintos da vida, como por exemplo as condições sociais e materiais, mas também marcações simbólicas

O social e o simbólico referem-se a dois processos diferentes, mas cada um deles é necessário para a construção e a manutenção das identidades. A marcação simbólica é um meio pelo qual damos sentido a práticas e as relações sociais definindo por exemplo quem é excluído e quem é incluído. (WOODWARD, 2000, p. 14)

A autora afirma também que o reconhecimento e as representações, compreendidas como processo cultural, determinam a identidade, tanto individual, quanto coletiva, explicando que “os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas às questões: Quem eu sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser? Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar[...]” (WOODWARD, 2000, p. 17).

Após o rompimento, cerca de 329 famílias foram desabrigadas e passaram a viver em casas alugadas primeiro pela Samarco, depois pela Fundação Renova, em Mariana, distrito-sede do município para o qual as comunidades foram realocadas enquanto esperam, indefinidamente, pelo reassentamento. As instituições de ensino que participam dos projetos também



estão na sede. Ainda em 2015, as crianças foram inseridas em comunidades escolares já estabelecidas na cidade, ainda como núcleos de Bento e de Paracatu.

Nelas, houve uma série de conflitos tanto com as escolas, quanto com as comunidades no entorno das escolas. Por conta disso, em maio de 2017 a comunidade de Bento Rodrigues passou a ocupar um prédio alugado e adaptado pela Fundação Renova e, em agosto de 2018, a escola de Paracatu de Baixo se mudou para uma sede também bancada pela fundação. Desde então, essa tem sido parte da realidade dos e das jovens que participam do projeto, em que o acontecimento traumático atravessa (e é atravessado) pela transição da infância para a adolescência, e agora também pela pandemia. De modo geral, o isolamento social transforma a rotina, impacta o aprendizado, o convívio com outros da mesma idade, o desenvolvimento de características de interação, a saúde física e mental e hábitos das crianças e adolescentes.

O distanciamento social é a medida mais eficaz para prevenção de COVID-19. Entretanto, é uma experiência difícil de ser enfrentada e pode ter impactos relevantes na vida dos indivíduos.[...] Ainda são escassos os estudos sobre o efeito do distanciamento social na vida dos adolescentes e das crianças. A separação dos entes queridos, dos amigos, dos professores, a perda de liberdade, a incerteza sobre a doença, as mudanças nas atividades de rotina, a falta de espaço físico em casa, aspectos ligados à piora financeira da família e a interrupção das aulas podem causar mudanças no comportamento e nos hábitos de vida, e provocar danos à saúde de crianças e adolescentes. (MALTA, 2021, p.2)

Os meninos e meninas participantes do projeto, alunos da EMPB, muito se ancoravam na presença um do outro e se aproximavam das tradições do antigo distrito através da escola. O espaço escolar possibilita a união das crianças, adolescente e famílias para a celebração de datas importantes, para ações de convívio e traziam, de diferentes formas, vida para aquela comunidade separada pós-rompimento. Portanto, mais de 5 anos após o rompimento da barragem, enfrentar outra ruptura de hábitos de convívio, unida a um vírus altamente transmissível e crise sanitária e econômica, foi um desafio para as



famílias que refletiu, evidentemente, na vida dos alunos. Transformações que também foram sentidas nos projetos.

3. NOSSAS ATIVIDADES E A CHEGADA DA PANDEMIA

Desde 2018, os encontros semanais com a turma da EMPB ocorrem semanalmente, no contraturno das aulas, pela manhã. Seguindo um cronograma de ações previamente estabelecidas junto à coordenação dos projetos, as atividades aproximam os e as estudantes a práticas que vão desde a produção de perfis jornalísticos e a identificação do lide em uma notícia de jornal, até a introdução de noções sobre fotografia e enquadramento (Figura 1) e a realização de pequenos ensaios fotográficos.



Figura 1 - Retrato feito em oficina de fotografia no dia 29/05/2019

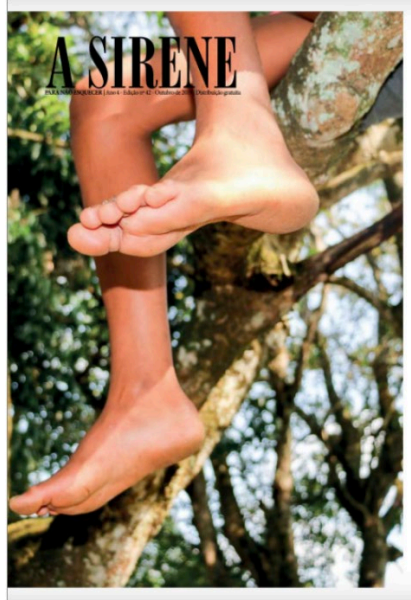
Fonte: os autores

Houve também oficinas textuais que trabalharam hierarquização das notícias, legendas, oficinas de vídeo, fotos animadas, entrevistas, entre outras atividades. Um dos momentos marcantes do projeto foi o trabalho colaborativo



na edição de um jornal. Entre setembro e outubro de 2019 o programa de extensão *Sujeitos de Suas Histórias* atuou na produção da edição especial do mês das crianças do Jornal *A Sirene* (Figura 2)⁶, jornal local que trata de pautas relacionadas ao rompimento da Barragem do Fundão, produzido pelas comunidades atingidas com mediação de jornalistas. As crianças propuseram pautas, redigiram as matérias, fotografaram. Nosso trabalho foi auxiliar o processo, conduzindo-as, ensinando técnicas de entrevista, auxiliando na escrita, na organização textual e fotografando as vivências das oficinas.

Figura 2- Capa da edição de outubro de 2019 do jornal *A Sirene*



Fonte: *A Sirene*

As oficinas despertam nos alunos conhecimentos críticos e práticos diferentes, por meio de dinâmicas diversas e métodos pensados para maior inserção e interesse dos alunos pelos temas. Além disso, o processo de construção das oficinas, e sua realização, estão sempre permeadas pelas percepções e ideias das crianças e adolescentes. Muitas vezes, ouvindo sugestões

⁶ A edição está disponível em: https://issuu.com/jornalasurene/docs/edi_o_42_-_outubro_issuu_. Acesso em 17 de jun. 2021.



de abordagens e temas sobre os quais eles gostariam de ouvir, construímos novas propostas e caminhos para percorrer o projeto.

Com a chegada da pandemia de covid-19, muitos questionamentos surgiram: como ensinar e discutir práticas jornalísticas online? Como as crianças lidam com mais uma hora de tela fora das aulas online? Como atuar diante da ausência de dispositivos tecnológicos e de uma boa qualidade de internet? Como adaptar os diálogos para um ambiente onde os alunos ficam mais tímidos? Ainda outras dúvidas surgiram, à medida que os meses e as percepções sobre a realidade da turma avançaram. Em um primeiro momento, quando havia a expectativa de que o isolamento duraria algumas semanas ou meses, a ideia era pausar as oficinas e continuar cumprindo os objetivos dos projetos a partir de outras ações. Assim, recolhemos depoimentos de crianças e adolescentes sobre o período de isolamento e sobre o coronavírus. Divulgamos o materiais no projeto/hashtag “#criançasnaquarentena” em nosso site e redes sociais. As extensionistas do programa *Sujeitos de Suas Histórias* recolheram relatos de várias partes do Brasil, em diferentes formatos e diferentes abordagens, com o objetivo de identificar e demonstrar como as crianças estavam lidando com o impacto da pandemia, como se sentiam e o que faziam para passar o tempo.

Depois, com a certeza de que não deveríamos nos afastar do grupo da escola de Paracatu de Baixo, retomamos contato com eles através de um grupo no WhatsApp. A escolha da ferramenta se deu por acreditarmos que este seria o meio mais fácil de obter respostas rápidas e maior interação. A princípio, realmente conseguimos conversar, ter retornos, nos inteirar do cotidiano dos alunos e repassar alguns conteúdos, curiosidades do jornalismo, introduzir discussões importantes. Mas com o tempo, percebemos que as conversas pelo aplicativo não seriam suficientes para nos aprofundarmos nos temas e

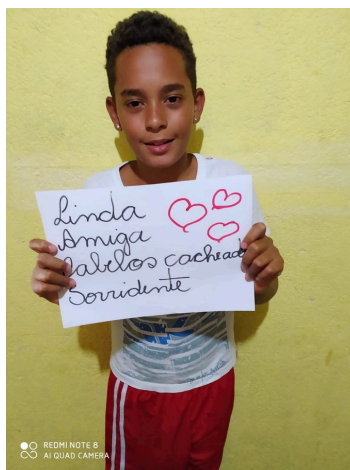


desenvolvermos ações a longo prazo. Aliado a isso, a educação municipal de Mariana só retomou as atividades do Ensino Fundamental a partir de agosto de 2020. Então, como sempre, em diálogo próximo com a equipe pedagógica da escola, iniciamos um período de encontros virtuais síncronos com os alunos e alunas, ancoradas pela presença da professora de Ciências, Luciana Drumond, que desde então está presente nas oficinas do projeto.

As oficinas remotas iniciaram em 9 de setembro de 2020. Norteando toda nossa intervenção está a ideia do tempo: sua passagem, suas impermanências, a subjetividade da passagem do tempo para cada um na pandemia, depois do rompimento, em isolamento. O objetivo geral realizar ação, posteriormente denominada “Paracatu somos nós”, que visava criar uma ferramenta para que os alunos pudessem expressar suas memórias e identidades e também, futuramente, acontecimentos e registros da comunidade. Decidimos juntos criar um perfil no Instagram, em que todos teriam acesso monitorado pela escola, para compartilhar imagens e vídeos. Nas oficinas fizemos discussões que abarcavam questões dos projetos, como o tema “Quem sou eu?”, em que falamos sobre identidade; ou na oficina em que exibimos fotos de infância, discutindo ao mesmo tempo fotografia e memória. Outra atividade consistiu de um amigo secreto em que cada estudante descrevia três qualidades do colega sorteado (Figura 3). Em um dos encontros, discutimos segurança e privacidade nos ambientes online, com apoio de produtos audiovisuais. Essas ações ajudaram na criação e manutenção do Instagram da turma.



Figura 3 – Atividade “Quem é o colega?” desenvolvida durante oficina online



Fonte: Arquivo pessoal. Cedida por responsáveis de aluno

Encerramos a primeira etapa de oficinas online com a página criada, algumas postagens e, principalmente, muito aprendizado. Não é possível afirmar que nos acostumamos com o modelo remoto, até porque não é possível conceber a extensão universitária com a ausência das trocas de afetos, a presença e o compartilhamento de experiências, mas a partir dessa série de oficinas experimentamos possibilidades e conseguimos compreender processos e estratégias que funcionam nessa modalidade. Além disso, podemos direcionar nossa comunicação, entender a melhor forma de estreitar os laços criados no virtual e fortalecê-los a partir da confiança e da escuta, de ambas as partes.

Em 2021, planejamos conteúdos ainda não apresentados à turma e também facilmente adaptáveis ao modelo remoto. Inicialmente, planejamos os três primeiros meses de atividades, com a construção de três produtos/produções experimentais com a turma. Durante o primeiro mês de encontros, nosso foco foi para a área de rádio e podcast. Através de encontros



expositivos e explicativos, levamos aos alunos oficinas sobre os primórdios do rádio, suas características principais, suas particularidades e suas influências na linguagem de outros meios de comunicação, como a televisão.

Nos encontros seguintes a discussão se estendeu para a esfera do podcast. Novamente embasadas de exemplos atuais e próximos ao cotidiano dos alunos, iniciamos uma nova fase com a apresentação da linguagem do podcast, suas proximidades e diferenças para com o rádio e seu formato dinâmico de escuta sob demanda. Advindo das expansões do rádio, o podcast tem crescido substancialmente nos últimos anos, no cenário de convergência (VIANA, 2020). A maioria dos pesquisadores que se debruçam sobre o assunto destacam suas características de audiência, produção e transmissão, segundo sistematização de Luana Viana (2020), pesquisadora e integrante do programa de extensão. A autora aponta, a partir dos estudos, as qualificações de cada dimensão: assim, a audiência do podcast se caracteriza pela autonomia, segmentação e assincronicidade; a produção é descentralizada, autônoma, horizontalizada, facilitada, assíncrona, diversificada e assentada na linguagem radiofônica. E, finalmente, a transmissão é assíncrona, automatizada, *on demand*, seriada, autônoma, descentralizada e gratuita. Ainda que possamos analisar que nem todos os podcasts se enquadram em todas as características elencadas, percebemos que esse estado da arte dá conta de compreendermos a natureza do podcast como produto comunicacional.

Conforme a nossa metodologia, após as discussões conceituais com a turma, passamos à aplicação e produção com os alunos. Em abril de 2021 iniciamos a produção de um podcast experimental com os alunos com temas relacionados à identidade e memória a partir de dois eixos principais: a escola e a comunicação dos alunos. Subjacente está ainda a ideia de tempo que vem norteando as ações desde 2020. As crianças e adolescentes trouxeram ideias de



temas e recortes, e juntos construímos a estrutura narrativa do produto: um podcast que contasse a história deles no passado, presente e futuro, como uma espécie de viagem no tempo. Nessa viagem, os alunos narram suas experiências dentro da escola nas três esferas do tempo, e falam da comunicação atual, de como ela era até pouco tempo atrás e de como imaginam que ela estará no futuro. O produto experimental está em fase de finalização para ser disponibilizado nas plataformas de streaming e nas redes sociais do programa de extensão.

As atividades de gravações possibilitaram grande aproximação do projeto com os alunos e até com algumas famílias, que acompanham filhos e filhas durante o aprendizado online. A partir das diferentes narrações dos alunos, conseguimos acompanhar o cotidiano deles, ora através dos próprios relatos, ora através das revelações das paisagens sonoras que os cercam. Saímos do papel de docentes, que ensinam algo, e ocupamos o de ouvintes atentos a minutos que expressam memórias, realidades, desejos, sonhos e tantos outros sentimentos, como a solidão, o cansaço, mas também a esperança.

4. ALGUMAS PERCEPÇÕES

Durante os meses de encontros online, pudemos perceber alguns elementos na relação dos meninos e meninas com a pandemia, com a família, com os amigos e com a escola. Neste contexto onde o contato mais próximo com os amigos e colegas de sala se dá por telas e de reuniões online, os alunos perdem o contato próximo e fundamental de pessoas no seu convívio escolar. Um dos estudantes se mudou para Mariana no meio da pandemia; não frequentou a EMPB presencialmente e não conhece nenhum colega de sala, nem fez amigos na cidade. O projeto tem sido seu único momento de socialização e



conversas. Ele relata que tem sido sua atividade preferida na pandemia. O aprendizado dos alunos também está quase totalmente concentrado em telas, assim como boa parte de sua diversão e entretenimento. Alguns participantes relataram passar até 12 horas diárias jogando online. Muitos deles assumiram tarefas domésticas em casa, como cuidar de irmãos menores, fazer almoço, arrumar cozinha. Atividades que interferem na atenção e disponibilidade para as dinâmicas da extensão. O tempo estendido que os alunos passam diante a tela do celular, tablet ou computador é outro fator que atravessa o projeto e pode ser prejudicial e gerar um cansaço que se acumula através desse mais de um ano de pandemia:

O brilho das telas, devido à faixa de onda de luz azul presente na maioria das telas contribui para o bloqueio da melatonina e para a prevalência cada vez maior das dificuldades de dormir e manter uma boa qualidade de sono à noite na fase de sono profundo, com aumento de pesadelos e terrores noturnos. Ao acordar, aumento da sonolência diurna, problemas de memória e concentração durante o aprendizado com diminuição do rendimento escolar e a associação com sintomas dos transtornos do déficit de atenção e hiperatividade. Existe também o aumento do estresse pelo uso indiscriminado de fones de ouvido (headphones) em volumes acima do tolerável e podendo causar trauma acústico e perda auditiva induzida pelo ruído (PAIR), irreversível. (SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA, 2019, p. 4)

Os projetos sempre procuram estar atentos a essa situação, levando sempre um material com abordagem leve, dinâmica e divertida, para que, além das razões lúdicas acionadas, os alunos não sofram com uma sobrecarga de informações. Buscamos não extrapolar uma hora de atividades, tempo menor daquele que usamos no regime presencial. Além disso, mais uma vez o diálogo próximo com professoras e coordenadoras permite que nos atentemos a datas importantes no calendário escolar, para evitar sobrecarga intelectual ou emocional.

Muitas vezes esse cuidado pode nos apresentar desafios e mudanças no planejamento, como ocorreu ao alterarmos a dinâmica de entrega de atividades.



Durante a produção do podcast, percebemos que os alunos conseguiriam se dedicar mais e nos entregariam o material solicitado com mais facilidade se fosse produzido durante as oficinas, visto que as atenções estão voltadas apenas ao projeto naquele momento. Assim, as gravações das sonoras que integram o produto final estão sendo captadas dentro do horário dos encontros semanais, onde a cada semana, os alunos gravam um tópico diferente da discussão. As gravações são feitas a partir de orientações passadas pela equipe extensionista no começo da oficina e enviadas a nós pelo Whatsapp. No fim da atividade, a turma escuta os áudios coletivamente e avalia pontos positivos e outros que podem melhorar. Eventualmente, alguns estudantes repetem as gravações para corrigir entonação, texto ou eliminar algum ruído que interfere na compreensão.

Além do tempo de tela e da mudança da dinâmica de entregas, também enfrentamos alguns obstáculos por conta da conexão à internet e do acesso aos dispositivos por parte das famílias. Muitas vezes, os alunos perdem a conexão durante os encontros ou não conseguem acompanhar tudo devido à instabilidade das redes de suas casas. Outros dividem o equipamento com irmãos, com primos que estudam juntos ou com seus pais, o que às vezes resulta em atrasos ou, mais uma vez, dificuldades para acompanhar. Alguns dispositivos não possuem câmeras ou memória suficiente para armazenar arquivos; outros são muito lentos e travam. Entendemos que esse é um problema estrutural do regime remoto, agravado em comunidades dos extratos sócio-econômicos mais baixos, como é majoritariamente o caso da comunidade de Paracatu de Baixo, e que interfere sistemicamente no aprendizado estudantil durante a pandemia, tendendo a agravar o fosso entre o ensino privado e o público no Brasil. Um dos percalços que temos que enfrentar no processo de oficinas online dos projetos é que os problemas de dispositivos e conexão não se



restringe a eles, já que nossa equipe também enfrenta situações semelhantes em suas casas, cada um com peculiaridades.

Para além do trabalho da extensão e dos projetos — que é trabalhar práticas comunicacionais no cotidiano das crianças e pré-adolescentes — a escuta crítica pode nos apontar outras questões referentes ao dia a dia dos alunos e suas percepções sobre a pandemia, suas emoções e expectativas para o futuro. O que vemos e presenciamos de forma clara na fala é a saudade do ambiente escolar, da rotina e de ir à escola. Muitas vezes esses afetos nos chegam com os relatos de alunos que sentem muito a falta do contato, a falta de sair na rua, passear, conhecer lugares e pessoas, conversar. Também percebemos que eles esperam ansiosamente o fim da pandemia e o retorno às aulas presenciais. Esperam, com saudade, um mundo melhor.

Além disso, enxergamos e ouvimos que o espaço do projeto e das atividades realizadas pelo mesmo traz uma espécie de conforto aos alunos que dele participam, que afirmam que gostam muito das dinâmicas e atividades propostas pelos projetos. É importante ressaltar que há dois grupos de alunos. O primeiro participa da extensão desde 2019, vivenciaram as dinâmicas e atividades práticas presenciais e continuam nos acompanhando online. O segundo conheceu o projeto já remotamente em 2020.

Vale ressaltar, a partir de todas as informações apresentadas até aqui, a importância da construção de um trabalho sólido, contínuo e estabelecido a partir do diálogo, da troca, da escuta e da confiança. É graças a essa estrutura que conseguimos, mesmo com recursos escassos e alunos cansados, dar continuidade às nossas atividades em meio a uma pandemia. Sem uma boa relação dos coordenadores do projeto com a coordenação da escola ou dos alunos extensionistas com os alunos de Paracatu, enfrentaremos dificuldades ainda maiores para conseguir transformar um projeto de extensão, que tanto se



ancorava nas trocas presenciais, na prática e na sutileza da aproximação entre as partes, para um formato online.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo dos projetos *Identidades, afetos, cotidiano e memória em Mariana e Memórias do Trauma* é, além de trabalhar práticas jornalísticas com as comunidades, incentivar que crianças e adolescentes utilizem esses conhecimentos adquiridos para se expressarem e narrarem suas próprias histórias, sendo capazes de produzirem narrativas de si. Além disso, é esperado que as oficinas contribuam também no resgate de memórias de sua comunidade e também na construção da identidade de meninos e meninas, discutindo formas de expressão de afetos, de reivindicação da cultura e novamente de afetos, por meio da imagem, da voz, da escrita, da escuta, da conversa. Mais do que isso: os projetos materializam uma compreensão do jornalismo como fundamental para “impedir o esquecimento, o apagamento e [...] o silenciamento dos sobreviventes” (GOMES BARBOSA; CARVALHO, 2020, p. 15).

Como resultados, temos não apenas produtos produzidos durante as oficinas, ao longo de todos esses anos atuando, como perfis, entrevistas, fotografias, podcast, mas a construção de uma relação próxima e sólida com os alunos, que nos permitiu atuar de forma online e que nos permite experimentar novas propostas e atividades. Essa relação também revela o crescimento dos alunos, ao qual temos a oportunidade de acompanhar, enquanto sujeitos capazes de expressar de diferentes formas e com recursos diversos suas memórias, afetos, e sonhos. Ao longo dos anos também fica claro o



amadurecimento e a consolidação do programa de extensão, enquanto ferramenta de diálogo e importantes trocas entre comunidade e universidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMARGO, Cyrene Oliveira. O Município de Mariana: Cidade integra o circuito de cidades históricas de Minas Gerais. **Jornal da Unicamp**, Campinas, 18 jan. 2018. Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/ju/noticias/2018/01/17/o-municipio-de-mariana>. Acesso em: 9 jun. 2020.

DIEGUEZ, Consuelo. A Onda: Uma reconstituição da tragédia de Mariana, o maior desastre ambiental do país. **Piauí**, São Paulo, n. 118, 1 jul. 2016. anais da catástrofe,. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/a-onda-de-mariana/>. Acesso em: 10 jun. 2020

DA COSTA, Gilberto Pereira; RONDON FILHO, Edson Benedito. A Identidade dos Sujeitos em Stuart Hall e a Catástrofe da Barragem de Fundão, na Cidade de Mariana. **CAMPO JURÍDICO**, v. 8, n. 1, p. 01-21, 2020.

ESTADO DE MINAS. Samarco descumpre orientação sobre alerta de sirene. **Estado de Minas**, 21 jan. 2016. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2016/01/21/interna_gerais,726969/samarco-descumpre-orientacao-sobre-alerta-de-sirene.shtml. Acesso em: 4 ago. 2020.

G1. **Rompimento de barragem da Samarco, em Mariana, completa um mês:** Veja, em números, o tamanho da tragédia, considerada o maior desastre ambiental do Brasil. **G1**, 5 dez. 2015. Disponível em: <http://especiais.g1.globo.com/minas-gerais/2015/desastre-ambiental-em-mariana/1-mes-em-numeros/>. Acesso em: 5 ago. 2020.

G1 MINAS. Cidades afetadas por rompimento de barragem do Fundão terão verba para obras sanitárias. **G1**, Belo Horizonte, maio 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2019/05/09/cidades-afetadas-por-rompimento-de-barragem-do-fundao-terao-verba-para-obras-sanitarias.ghtml>. Acesso em: 3 ago. 2020.

GOMES BARBOSA, Karina; CARVALHO, André Luís. Testemunho, trauma e imagens de catástrofes socio-ambientais da mineração brasileira em Vozes de Mariana e Vozes de Brumadinho. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 18., 2020, Online. **Anais** [...] . Brasília: SBPJor, 2020. v. 1, p. 1-18. Disponível em: <http://sbpjor.org.br/congresso/index.php/sbpjor/sbpjor2020/paper/viewFile/2605/1403> . Acesso em: 18 jun. 2021.

LOPES, Luciano Motta Nunes. O rompimento da barragem de Mariana e seus impactos socioambientais. **Sinapse Múltipla**, v. 5, n. 1, p. 1-1, 2016.



MALTA, Deborah Carvalho et al. A pandemia de COVID-19 e mudanças nos estilos de vida dos adolescentes brasileiros. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 24, p. e210012, 2021.

MENDONÇA, Heloísa. Um ano do desastre de Mariana: o que foi e o que não foi feito para reparar os danos: Para representantes da ONU, esforços da Samarco para conter vazamentos de lama foram insuficientes. **El País**, São Paulo, 7 nov. 2016. Brasil. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/11/04/politica/1478293515_402075.html. Acesso em: 9 jun. 2020.

SBP – Sociedade Brasileira de Pediatria. **#MENOS TELAS #MAIS SAÚDE**. Dezembro de 2019. Disponível em: https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/_22246c-ManOrient_-_MenosTelas_MaisSaude.pdf

VIANA, Luana. Estudos sobre podcast: um panorama do estado da arte em pesquisas brasileiras de rádio e mídia sonora. **Contracampo**, Niterói, v. 39, n. 3, p. 1-16, dez./mar. 2020.

WISNIK, J. M. **Maquinação do mundo** – Drummond e a mineração. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, p. 7-72, 2000.